Apologia das Letras Humanas



UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

Reitor Carlos Gilberto Carlotti Junior
Vice-reitora Maria Arminda do Nascimento Arruda

EDITORA DA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

Diretor-presidente Sergio Miceli Pessôa de Barros

COMISSÃO EDITORIAL

Presidente Rubens Ricupero
Vice-presidente Maria Angela Faggin Pereira Leite
Carlos Alberto Ferreira Martins
Clodoaldo Grotta Ragazzo
Laura Janina Hosiasson
Miguel Soares Palmeira
Rubens Luis Ribeiro Machado Júnior
Suplentes Marta Maria Geraldes Teixeira
Primavera Borelli Garcia
Sandra Reimão

Editora-assistente Carla Fernanda Fontana
Chefe Div. Editorial Cristiane Silvestrin

Apologia das Letras Humanas

A Educação Retórico-Poética em Dois Colégios Jesuíticos da Bahia

ORGANIZADORES

Marina Massimi

Alcir Pécora

edusp

Copyright © 2022 by organizadores

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Apologia das Letras Humanas: A Educação Retórico-Poética em Dois Colégios Jesuíticos da Bahia / organizadores Marina Massimi, Alcir Pécora. – São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2022.

Vários autores.
ISBN 978-65-5785-054-1

1. Educação – História. 2. Jesuítas – Brasil. 3. Jesuítas – Educação – História – Brasil. 4. Manuscritos. 5. Manuscritos – Pesquisas. I. Massimi, Marina. II. Pécora, Alcir.

21-90412 CDD-370.981

Índices para catálogo sistemático:
1. Educação: Brasil: História 370.981

Eliete Marques da Silva – Bibliotecária – CRB-8/9380

Direitos reservados à

Edusp – Editora da Universidade de São Paulo
Rua da Praça do Relógio, 109-A, Cidade Universitária
05508-050 – São Paulo – SP – Brasil
Divisão Comercial: tel. (11) 3091-4008 / 3091-4150
www.edusp.com.br – e-mail: edusp@usp.br

Printed in Brazil 2022

Foi feito o depósito legal

Sumário

AGRADECIMENTOS 7

APRESENTAÇÃO 9

INTRODUÇÃO:
Um Manuscrito entre Dois Mundos na Biblioteca Municipal de Urbania 13
Feliciano Paoli

Entre Dois Mundos: A *Peregrinação* do Manuscrito 27
Marina Massimi

O Manuscrito de Urbania: Um Caso de Educação Retórico-Poética nos Seminários Jesuítas à Época de seu Fechamento no Brasil 99
Alcir Pécora

A *Arte por Onde Devem Estudar os Seminaristas do Seminario de Bethlem*..., ou o Dia a Dia dos Meninos no Seminário de Belém da Cachoeira 125
Evergton Sales Souza e *Moreno Laborda Pacheco*

Um Jardim Oriental-Ocidental: A Experiência Global do Artista Jesuíta Charles Belleville (Wei-Kia-Lou) na Rota França-China-Brasil e a Decoração do Seminário de Belém da Cachoeira no Recôncavo Baiano 155
Renata Maria de Almeida Martins

ANEXOS

Manuscrito n. 58: Biblioteca Pública de Urbania – *Transcriptio/Transcrição* 203
Felipe de Medeiros Guarnieri

Tradução de Epigramas Seletos 283
Brunno V. G. Vieira

SOBRE OS AUTORES 317

Agradecimentos

Agradecemos ao professor Raimondo Rossi, de Urbania. Foi por seu intermédio que vimos pela primeira vez o manuscrito. Agradecemos também a Gaetano Fermani, que, admirado pela beleza do documento, sugeriu a possibilidade de edição.

Apresentação



Este livro nasceu a partir do encontro inesperado de um manuscrito setecentista guardado na biblioteca pública de uma pequena cidade histórica do centro da Itália, Urbania (antiga Castel Durante), ocorrido há alguns anos. Trata-se de uma fonte manuscrita elaborada no Brasil, no Seminário de Belém da Cachoeira e no Colégio dos Jesuítas da Bahia[1], que traz uma coletânea de exercícios escolares realizados por docentes e alunos dessas instituições. Intitulado *In Studiosos Adolescentes Oratio Paraenetica de Laudibus Humaniorum Litterarum pro Instaurandis, Elapso Justitio, Annuis de More Studiis, Habita*, o manuscrito, em perfeito estado de conservação, atraiu nossa curiosidade de pesquisadores; queríamos entender seu conteúdo e também desvendar o percurso histórico que o levou à Itália. O interesse compartilhado por alguns colegas acerca do tema e o apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (Fapesp) permitiram a realização do trabalho que aqui apresentamos – modestamente, mas também com muita alegria.

Além da transcrição do manuscrito, realizada por Felipe de Medeiros Guarnieri, e da tradução de alguns epigramas nele compreendidos, realizada

1. O Colégio dos Jesuítas da Bahia da cidade de Salvador foi fundado inicialmente com o nome de Colégio do Menino Jesus da Bahia. A segunda escola tem como nome oficial Seminário de Belém, localizado na cidade de Cachoeira, Recôncavo Baiano.

por Brunno V. G. Vieira, este livro contém um conjunto de ensaios a respeito do documento.

A introdução apresenta o local onde o manuscrito atualmente se encontra: a cidade de Urbania, Itália, e sua biblioteca pública. O texto, de autoria de Feliciano Paoli, atual diretor da biblioteca, situa a história da chegada do manuscrito e de seus portadores, os jesuítas, à região italiana das Marcas, onde foram hospedados após sua expulsão dos territórios da missão no Brasil. É uma chegada problemática no panorama da história da cidade e da região no século XVIII, quando já definhavam a vivacidade cultural e a influência política manifestadas por Urbania e pelo Ducado de Urbino durante o período renascentista anterior. O autor revela as intensas dificuldades enfrentadas pelos missionários exilados, enxertados abruptamente no tecido social de uma pequena cidade italiana, ainda que o passado deles fosse já marcado pelo esforço de convivência e de acomodação a culturas e sociedades muito diversas, como as existentes na sociedade colonial e nos contatos com os indígenas americanos.

De fato, os religiosos que chegaram a Urbania não eram mais os membros de uma Companhia em expansão, cuja presença evangelizadora e a marcante influência cultural e política primavam no Ocidente e no Oriente da nascente modernidade. A Companhia estava prestes a ser dissolvida, como de fato ocorreria poucos anos depois. A certeza que animara os inacianos na epopeia do passado dava lugar à insegurança diante de um futuro sombrio e incerto. Talvez a desconfiança dos casteldurantinos sinalizasse aos missionários jesuítas esse drama maior, a que sem dúvida atribuíam um sentido místico. Todavia, a preservação integral do manuscrito na biblioteca que se tornou herdeira da "livraria" dos padres acabou sendo um presente que essa mesma comunidade civil de Urbania ofereceu, e oferece ainda hoje, à memória desse período da história da Companhia de Jesus e do Brasil. Do manuscrito tão bem conservado, pode-se admirar ainda hoje a brancura do papel com marca d'água e a sofisticação dos arabescos traçados pelos jovens autores a documentar sua bela caligrafia.

A seguir, graças ao trabalho de Marina Massimi, o leitor encontrará a reconstrução histórica do percurso do manuscrito, desde o local e as circunstâncias de sua elaboração, passando pelas travessias que o deslocaram para a Itália, até finalmente os eventos fundamentais referentes à sua alocação e preservação na referida biblioteca. Acompanhar a história da circulação do documento permite conhecer um pouco dos acontecimentos que marcaram o período mais dramático da vida da Companhia de Jesus e a violenta perseguição orquestrada contra essa instituição pelas várias nações católicas de então. Permite também reconhecer que, ape-

sar de tantas rupturas ocorridas, há, além da fidelidade ininterrupta daqueles religiosos ao carisma inaciano, um segundo elo de continuidade a considerar. Entre o manuscrito produzido nos colégios jesuítas da Bahia em meados do século XVIII e o extraordinário autonecrológio fúnebre escrito pelo último jesuíta falecido no palácio de Urbania já nos inícios do século XIX, permanece surpreendentemente uma enorme confiança dos padres na importância da educação humanista e especialmente das letras e da retórica, compreendidas sempre como base do sistema educacional de que a Companhia de Jesus foi fiel intérprete e transmissora.

O estudo de Alcir Pécora parte da abordagem da teoria literária que toma o manuscrito em suas circunstâncias históricas de produção letrada, e em particular no quadro da educação retórico-poética das instituições educacionais jesuíticas, tal como configurada no primeiro período de atuação, o da antiga Companhia, isto é, nos anos anteriores ao fechamento da Ordem. Por meio de uma análise detalhada das composições tomadas como atividades escolares elaboradas em fiel observância das prescrições previstas na *Ratio Studiorum*, Pécora destaca, nos epigramas, a combinação das dimensões letrada e religiosa, isto é, a articulação indissolúvel entre a pastoral missionária e os rudimentos de teologia mística. O significado dessas composições encontra-se explicitado nas duas orações proferidas pelo professor homenageado, padre Simão Marques: o elogio da retórica por meio do desenvolvimento da tópica das letras e armas e a apologia da epopeia missionária da Companhia de Jesus.

A contribuição de Evergton Sales Souza e Moreno Laborda Pacheco apresenta uma obra praticamente ignorada até nossos dias: *Arte por Onde Devem Estudar os Seminaristas do Seminario de Bethlem…*, do padre José Bernardino, escrita, provavelmente, de meados para fins da década de 1730 e publicada em 1740. Os autores evidenciam que esse documento foi produzido com a intenção de ser lido pelos próprios seminaristas ao ingressarem no Seminário de Belém, permitindo, assim, o conhecimento do cotidiano dos estudantes na casa por meio das descrições minuciosas das atividades que eram realizadas. A *Arte por Onde Devem Estudar os Seminaristas do Seminario de Bethlem…* mantém possíveis nexos com o manuscrito *In Studiosos Adolescentes…* também pelo fato de que, ao redigi-lo, o autor inspirou-se nas orientações do fundador e diretor do seminário, Alexandre de Gusmão, para transmutá-las em lições e explicá-las, segundo o caso. A tônica do documento, enfim, deixa claro que na proposta educativa do seminário vigorava o primado da devoção sobre o ensino escolar. Sem descuidar do estudo propriamente dito das humanidades evidenciado nas composições do manuscrito, o modelo disciplinar empregado pelos jesuítas era voltado globalmente para

a formação de varões virtuosos, tementes e amantes de Deus. Tal objetivo une o fundador Alexandre de Gusmão aos mestres jesuítas do Seminário de Belém e do Colégio dos Jesuítas da Bahia e continua vigente até os últimos professores expulsos, deportados e exilados, entre eles os que chegaram a Urbania.

Renata Maria de Almeida Martins apresenta um estudo do espaço no qual o manuscrito foi elaborado (pelo menos uma parte dele), incluindo as relações existentes entre a produção artística nele presente e as composições poéticas dos alunos. Espaço e tempo são as coordenadas que permitem uma compreensão adequada da fonte, dos atores e das circunstâncias históricas que possibilitaram sua preservação. O espaço do Seminário de Belém é um fenômeno expressivo da circulação da arte em escala mundial do século XVIII: lugar no qual convergiram tradições artísticas e iconográficas diversas, do Ocidente e do Oriente, pela mediação do jesuíta francês arquiteto, pintor e escultor Charles Belleville. O texto busca investigar como o programa iconográfico desenvolvido no seminário traduziu em termos visuais a proposta pedagógica da escola, documentada pelo manuscrito.

Acreditamos que esses ensaios, realizados por especialistas nas áreas históricas da teoria literária, educação, arquitetura, arte e história cultural, possam contribuir para a compreensão da natureza do manuscrito, bem como dos processos históricos em cujo âmbito foi criado, transmitido e preservado.

Nos anexos do livro, como mencionado, constam a transcrição do manuscrito e a tradução de epigramas seletos. Importa ressaltar que, desse modo, além de possibilitar ao público brasileiro a leitura do manuscrito, a própria fonte documental está sendo disponibilizada para ulteriores estudos críticos.

Com a edição deste livro, propomo-nos a valorizar uma fonte que pertence ao patrimônio histórico-cultural brasileiro e notadamente à história do ensino no país, incentivando os estudos a respeito do material, possibilitando diálogos talvez imprevistos, instigados pelo achado dessa preciosa fonte, escrita em Cachoeira e preservada em Urbania.

Por fim, gostaríamos de expressar a nossa mais viva gratidão ao diretor da Biblioteca Municipal de Urbania, bem como aos colegas que em diferentes etapas de nossos trabalhos acreditaram na importância das pesquisas sobre aquele manuscrito até então inteiramente desconhecido. Agora, dispendidos os esforços iniciais em sua elucidação, podemos todos conhecer o imenso valor histórico e documental de que se reveste.

Os organizadores

INTRODUÇÃO

Um Manuscrito entre Dois Mundos na Biblioteca Municipal de Urbania

Feliciano Paoli
Diretor da Biblioteca Municipal de Urbania

A história do manuscrito n. 58, no inventário da Biblioteca Municipal de Urbania, assim registra sua data de início:

> 16 setembros de 1759, quando os jesuítas expulsos de Portugal, embarcados no Tejo, partiram para o exílio perpétuo, desembarcando em Civitavecchia. Outros grupos logo se seguiram, de modo que havia mais de mil jesuítas refugiados na Itália. Sob os céus de nossas terras, cento e vinte vieram em 1759 e tiveram, como residência, em Urbania, o palácio da corte dos senhores de Feltre[1].

Os grandes acontecimentos do século que viu a contraposição entre os Estados nacionais, a luta áspera pelo domínio das colônias do Novo Mundo, o problema da escravidão, a doutrina da jurisdicionalismo e ainda outros assuntos, alcançavam por intermédio dos jesuítas expulsos de Portugal – essa lasca lançada pelos choques da história – até o pequeno centro papal de Urbania, na Legação de Urbino, que após as proezas do ducado de Urbino na

1. Corrado Leonardi, "Montefeltro e Massa Trabaria: La Formazione di Clemente XIV Ganganelli e l'Accoglienza dei Gesuiti Espulsi", em *Studi Montefeltrani*, n. 23, p. 101, 2002. Após a expulsão ocorrida em Portugal, em 1759, os padres jesuítas também serão expulsos da França, em 1762; da Espanha, em 1767; do Reino das Duas Sicílias, em 1768; e de Parma, em 1769. Finalmente, a perseguição que dura quinze anos terminará com a supressão da ordem após a bula de Clemente XIV, de 21 de julho de 1773. O papa Pio VII restabeleceu a companhia em seu estado primitivo em 7 de agosto de 1814.

época do Renascimento, desde 1631 vivia uma condição periférica, se não completamente "desenraizada da história"[2].

A chegada de um grande número de padres jesuítas em uma pequena comunidade como a de Urbania implicou – como se pode imaginar – uma série de reações e consequências, talvez nem todas de teor positivo. Não é nossa tarefa, no entanto, entrar no específico desse encontro entre os missionários religiosos exilados, já acostumados a enfrentamentos entre culturas e sociedades as mais variadas, que abruptamente foram enxertados no tecido social daquela localidade, relativamente calma, que havia pouco tempo conquistara, por ser uma cidade pontifícia, a dignidade de sediar um bispado.

Esse aspecto já foi aprofundado em outros estudos e viu-se como a presença dos padres em Urbania – o último deles falecido em 1820 – influenciara em vários aspectos a vida da cidade situada à beira do rio Metauro. Isso se expressou, por exemplo, na evolução das devoções da igreja local, especialmente pela introdução do culto ao Sagrado Coração e a Nossa Senhora do Bom Conselho. Traços da presença dos jesuítas permaneceram na igreja do Crucifixo de Mastro Paolo, que se tornou a igreja de referência dos exilados e cujos altares eram dedicados a são Francisco Xavier. Pela leitura da correspondência mantida entre a Santa Sé e o bispo da diocese de Urbania e Sant'Angelo in Vado, dom Deodato Baiardi – que é quase um dossiê sobre o caso dos jesuítas em Urbania –, também se evidencia a significativa contribuição oferecida por esses missionários religiosos para o ministério, para o ensino nos quatro seminários da diocese e para o desenvolvimento da editoria local[3].

Dez anos após o exílio doloroso em Portugal, a situação piorou desastrosamente para a Companhia de Jesus, com o decreto de dissolução de 1773, que fora comunicado pelo bispo Deodato Baiardi aos reverendos padres exilados em Urbania, todos reunidos naquela triste ocasião no salão maior do palácio ducal. Havia uma pesada atmosfera, como se pode imaginar, em nada aliviada pelo fato

2. Sobre as vicendas históricas da pequena cidade de Urbania, cf d. Enrico Rossi, *Memorie Ecclesiastiche Urbaniesi*, 1936, e *Memorie Civili di Casteldurante*, 1988. Rossi também aborda o período de permanência dos padres jesuítas em Urbania em *Memorie Ecclesiastiche Urbaniesi*, 1936, pp. 324-328.

3. Camilla Rossi, *La Formazione Religiosa e Culturale di Papa Ganganelli nel suo Ambiente di Origine e gli Effetti della Soppressione dell'Ordine dei Gesuiti nella sua Terra Natale*, 1999, pp. 40 ss. Complementa essa pesquisa também um anexo contendo a transcrição do nome dos padres e irmãos leigos, ao todo 130, com as cidades de proveniência em Portugal, a idade anagráfica, as condições de saúde, a formação e a atividade de cada um (*Idem*, *op. cit.*, 1999, pp. 113-121).

LANÇAMENTO 2022

JÁ DISPONÍVEL

LIVRARIA VIRTUAL

www.edusp.com.br/loja

LIVRARIAS

www.edusp.com.br/livrarias

INFORMAÇÕES

Divulgação Edusp

divulga@usp.br

edusp